

Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal

Janine Targino da Silva\*

**Resumo:** Este artigo analisa a maneira como a identidade feminina vêm sendo re-elaborada no meio pentecostal em função do surgimento de igrejas pentecostais autônomas fundadas por mulheres na Baixada Fluminense. Retomando o conceito de “pentecostalismo autônomo” e observando as elaborações cosmológicas e os discursos das novas líderes, buscou-se apreender o papel que estas mulheres exercem enquanto geradoras de capital simbólico em seus grupos religiosos.

Palavras-chave: “pentecostalismo autônomo”, identidade feminina, novas lideranças.

**Abstract:** This article assesses how the feminine identity is remade in the Pentecostalism through the sprouting of independent Pentecostals churches created for women in Baixada Fluminense. Retaking the concept of “independent Pentecostalism”, and observing the cosmological elaborations and the speeches of the new leaders, one searched to apprehend the paper that these women exert while generating of symbolic capital in its religious groups.

Keywords: “independent Pentecostalism”, feminine identity, new leaderships.

### Introdução

De acordo com os dados apresentados pelos recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o campo religioso brasileiro tem sido palco de uma vertiginosa expansão dos evangélicos<sup>1</sup>. Na década de 1940, os evangélicos constituíam apenas cerca de 2,6% da população brasileira, mas, desde então, este grupo religioso revelou-se como um dos que mais crescem no Brasil: progrediu para 3,4% da população total em 1950, para

---

\* Janine Targino da Silva é mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS – UERJ). Esta pesquisa foi realizada com o apoio da CAPES.

<sup>1</sup> Na América Latina, o termo “evangélico” é usado para designar o grupo formado pelas igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais. De acordo com Mariano (2004), o pentecostalismo se distingue do protestantismo histórico por acreditar na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, com ênfase nos dons de línguas e cura, e por sustentar a crença em preceitos e práticas do cristianismo primitivo, tais como a expulsão de demônios e a realização de milagres.

2

4% em 1960, para 5,2% em 1970, para 6,6% em 1980, para 9% em 1991, e, finalmente, atingiu a marca de 15,4% no ano 2000. Na análise da expansão evangélica, destaca-se o papel importantíssimo exercido pelos pentecostais e neopentecostais, visto que eles cresceram 8,9% anualmente, enquanto os protestantes históricos não superaram os 5,2% de crescimento anual (MARIANO, 2004). Dessa forma, dentre os resultados do avanço evangélico no Brasil podemos apontar a retração numérica daqueles que se declaram católicos<sup>2</sup> e a expansão internacional de igrejas pentecostais brasileiras<sup>3</sup>.

Como já fora apontado por diversos autores, ainda que as igrejas pentecostais arrebanhem cada vez mais fiéis nas camadas médias e altas, a base do avanço pentecostal está na classe popular. A tese originalmente proposta por Fry e Howe (1975), na qual os autores indicam que o pentecostalismo, assim como a umbanda, trata-se de uma religião para aflitos, mulheres, negros, pobres, entre outros, foi várias vezes ratificada por pesquisadores que se dedicaram ao estudo desta vertente evangélica. Almeida (2004), por exemplo, concluiu que o progressivo aumento de fiéis nas fileiras pentecostais é um fenômeno mais acentuado entre as classes média baixa e pobre dos grandes centros urbanos. Atualmente, fala-se também em “anéis evangélicos” (JACOB *et alii* 2006), nome dado à concentração da população pentecostal nas periferias das principais capitais brasileiras.

Na Baixada Fluminense<sup>4</sup>, área periférica do Rio de Janeiro, não é diferente. Conhecida por ter um dos menores índices de desenvolvimento humano do estado, este conjunto de municípios constitui, por excelência, um lócus para a forte presença pentecostal. Segundo os dados apresentados pelo Censo 2000, nos municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo e Duque de Caxias (os três maiores municípios da Baixada Fluminense) os percentuais de fiéis pentecostais giram em torno de 30%. Ou seja, através da observação atenta do crescimento evangélico nesta área periférica, parece correto mais uma vez afirmar que o pentecostalismo encontra maior capilaridade em regiões marcadas pela pobreza e ausência do Estado.

---

<sup>2</sup> Segundo os dados dos Censos demográficos, no período que vai de 1940 a 2000 os católicos do Brasil regrediram de 95,2% para 73,8% da população total. Para mais informações sobre as mudanças demográficas no campo religioso brasileiro ver Antônio Flávio PIERUCCI, 2004.

<sup>3</sup> Caso, por exemplo, da Igreja Universal do Reino de Deus, apontada como uma das maiores responsáveis pela presença religiosa brasileira no exterior. Sobre a expansão internacional da Igreja Universal, ver Ari Pedro ORO, 2004.

<sup>4</sup> A Baixada Fluminense é formada pelos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti.

Na esfera da expansão pentecostal, sobressai a presença feminina. O último Censo realizado no Brasil aponta que 56% dos seguidores de igrejas evangélicas são mulheres. Esse fato cria uma desproporção que, no conjunto das igrejas pentecostais, mostra-se com ainda mais relevo, “o que acaba por dar um rosto feminino ao pentecostalismo” (MACHADO, 2005: 388). Dentre os fatores que influenciam a maior receptividade das mulheres em relação ao pentecostalismo estão os espaços alternativos criados pelas igrejas pentecostais para a discussão dos problemas familiares e femininos, o que possibilita a construção de redes sociais que ajudam as mulheres a recuperar a auto-estima, a diferenciarem-se de seus familiares e a entrarem no mercado de trabalho (MACHADO & MARIZ, 1997). Além disso, como nos indica Birman (1996), não devemos esquecer que as igrejas pentecostais tratam fundamentalmente das aflições humanas, e tais assuntos, geralmente, estão vinculados à esfera doméstica. Em função disso, cria-se uma situação onde a mulher passa a exercer o importante papel de mediadora na relação com o sagrado dentro de suas famílias (BIRMAN, *Ibidem*).

No entanto, ainda que as mulheres constituam a maioria no meio evangélico, grande parte das igrejas não permite que a parcela feminina pratique o pastorado. Somente as igrejas históricas (metodistas, luteranas e anglicana), duas igrejas pentecostais (Exército da Salvação e Igreja do Evangelho Quadrangular) e, posteriormente, a Presbiteriana Unida, aceitavam mulheres como pastoras em seus púlpitos (SANTOS, 2002). Apenas na década de 80, simultaneamente ao crescimento das denominações neopentecostais, inicia-se um movimento de abertura no que diz respeito ao pastorado feminino (SANTOS, *Ibidem*). Contudo, isso não significa que até então as mulheres evangélicas estiveram totalmente à parte do exercício de importantes funções em suas igrejas. Cargos de liderança com menores amplitudes, tais como a direção de escola bíblica dominical e a organização de grupos de oração, são comumente atribuídos às mulheres. Sendo assim, As verdadeiras limitações às mulheres evangélicas encontram-se especificamente vinculadas ao exercício do pastorado, pois este traz consigo a exigência por maior autoridade eclesiástica e cria um ponto de discussões bastante acaloradas entre líderes das mais variadas denominações (SANTOS, *Ibidem*).

Mesmo com a relativa permissibilidade ao pastorado feminino em determinadas igrejas, surgem insatisfações por parte das pastoras que se vêem submissas a uma hierarquia ainda bastante pautada na figura masculina. Esta situação, agregada ao descontentamento de mulheres convertidas a denominações que vetam o pastorado feminino, transformou-se, na Baixada

4

Fluminense, num campo propício para o surgimento de um movimento responsável por promover alterações significativas no âmbito das denominações pentecostais: a fundação de igrejas pentecostais autônomas por mulheres. Impulsionadas pela vontade de viver sua “fé” de um modo alternativo, as autoproclamadas pastoras e bispas rompem com as congregações pentecostais e neopentecostais das quais eram seguidoras e fundam pequenas igrejas em espaços adaptados. Trata-se, então, de um movimento de dissidência que adota o “pentecostalismo autônomo”<sup>5</sup> como via alternativa para a vivência da “fé” pentecostal sob novos preceitos.

Nesta comunicação, faço uma tentativa de expor alguns dados que colaborem para o melhor entendimento da maneira como a identidade feminina está sendo re-elaborada no meio pentecostal em função do surgimento destas igrejas autônomas. Retomando o conceito de “pentecostalismo autônomo”, as elaborações cosmológicas e os discursos das líderes sobre as suas expectativas em torno da formação de igrejas pentecostais comandadas exclusivamente por mulheres foram especialmente analisados, tendo em vista que o principal intuito desta comunicação é apreender o papel destas novas líderes enquanto geradoras de capital simbólico em seus grupos religiosos.

### **As elaborações cosmológicas e o “produto religioso” das Igrejas pesquisadas**

Os cultos ministrados pelas líderes têm nas curas e revelações seus principais atrativos. São nestas atividades que os fiéis buscam conforto e solução para seus problemas. Em geral, os cultos chegam à três horas de duração, e o tempo divide-se entre a realização de orações e a distribuição de revelações. Durante o período dedicado às orações, as líderes estimulam os fiéis a pedirem a Deus a resolução de seus problemas, que podem ser das mais diversas ordens. Questões relacionadas à saúde são as mais presentes na pauta levantada pelas líderes e os fiéis também apresentam esta inclinação. É bastante comum que indivíduos com sérios problemas de saúde procurem auxílio nestas congregações, e relatos de cura são tão frequentes que terminam por atuar à maneira de um “cartão de visitas” àqueles que também se encontram enfermos.

---

<sup>5</sup> A expressão “pentecostalismo autônomo” foi inserida na literatura sobre as religiões do Brasil para designar as Igrejas protestantes pentecostais fundadas no Brasil a partir da década de 1950, distinguindo-as daquelas congregações pentecostais tradicionais que foram trazidas para o país através de missões (J. BITTENCOURT, 1991; MARIZ, 1995).

As revelações são o segundo ponto de destaque nestas Igrejas. De acordo com as elaborações cosmológicas nativas, pode-se definir revelação como uma mensagem enviada às líderes por Deus ou por um anjo para que seja repassada a determinado indivíduo presente no culto com o intuito de torná-lo ciente das verdadeiras razões de seus problemas ou comunicar-lhe alguma benção iminente. A mensagem a ser transmitida ao fiel é repassada ao público como um todo, e só após todos tomarem conhecimento da mensagem é que seu destinatário se identifica frente aos presentes. A identificação do destinatário da mensagem pode ser um ato voluntário do mesmo, ou pode ser feita pela própria pastora que o aponta dentre os fiéis presentes. Após o conhecimento do indivíduo ao qual se destina a revelação, espera-se que o mesmo dirija-se até o altar e aceite a oração feita pela pastora para que o “mal revelado” seja totalmente neutralizado, ou para que a “benção revelada” seja verdadeiramente concretizada.

Em praticamente todos os casos de revelações que apontam os verdadeiros causadores dos problemas dos fiéis, a acusação do demônio é a base da construção do argumento<sup>6</sup>. Conseqüentemente, isso implica como desdobramento a implementação de rituais que visam impedir que o demônio continue atuando. Dentre estes rituais a revelação é, de fato, o mais relevante, uma vez que ela é uma condição *sine qua non* para o “corte do laço do mal”<sup>7</sup>, além de oferecer o dado principal que permite a acusação fundamentada feita ao demônio. Contudo, outras ações rituais são colocadas em prática com a intenção de fortalecer o vínculo entre fiel e Deus e de ratificar o fim do jugo demoníaco sobre o indivíduo, tais como a participação em “propósitos” orientados pelas pastoras e a doação de dízimos e ofertas. A parcela de tempo dedicada durante os cultos à essas ações rituais é bastante inferior ao tempo destinado às revelações e orações de cura, tornando válida a afirmação de que estas últimas são os principais produtos religiosos oferecidos pelas Igrejas pesquisadas.

### **O perfil das líderes**

Através das entrevistas feitas com as líderes, foi possível traçar um perfil geral das mesmas. A primeira característica que pode ser apontada como comum à todas as pastoras

---

<sup>6</sup> O ato de identificar o demônio como causador de todos os malefícios e infortúnios com os quais as pessoas sofrem é algo bastante presente no conjunto das Igrejas pentecostais e neopentecostais. Para mais informações ver: MARIZ, 1997a, 1997b.

<sup>7</sup> Expressão usada pela Pastora Jô, fundadora do Templo Evangélico Pentecostal Emanuel, localizado no bairro Jardim Ocidental, município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

6

entrevistadas para esta pesquisa é a localização das mesmas na estrutura sócio-econômica. Todas elas são oriundas da classe popular e apresentam carências de várias ordens. É corriqueiro, e ao mesmo tempo perturbador, encontrar entre essas líderes mulheres sem escolaridade suficiente para ocupar um posto de trabalho que exija um grau mínimo de formação. Inevitavelmente, esse fato leva estas mulheres a trabalharem em funções mais subalternas, ou, simplesmente, levam-nas a optar por viver apenas dos rendimentos conseguidos por suas Igrejas. Somente uma das pastoras entrevistadas apresentava grau superior completo, com formação em psicologia, mas ainda assim não exercia a função para qual havia se formado.

Um outro aspecto que chama a atenção por ter se mostrado recorrente nos depoimentos das líderes é o que trata da atuação das mesmas nos locais em que habitam. Todas as Igrejas abordadas nesta pesquisa estão localizadas nos municípios da Baixada Fluminense. No entanto, constatei que todas compartilham a característica de estarem instaladas nas zonas mais pobres dos municípios, isto é, nas áreas periféricas, onde as condições de vida são inda mais desfavoráveis á população. Ruas com esgoto a céu aberto, precária iluminação e bastante afastadas dos serviços oferecidos nos centros urbanos dos municípios constituem uma espécie de cenário padrão onde estas Igrejas surgem. Sendo assim, estes locais são marcados pela ausência do estado, o que os transformam em ambientes propícios para o surgimento de novas formas de sociabilidade onde o “vizinho” tem muito mais a oferecer do que os governantes oficialmente instituídos. Neste contexto, as pastoras ocupam um lugar de destaque. Em questões de emergência relacionadas a moradores das adjacências de suas Igrejas, é comum que elas sejam solicitadas para prestar auxílio, independente da religião de quem peça a ajuda. Um caso exemplar é o de Pastora Joana<sup>8</sup>. Moradora de um bairro pobre da cidade de Nova Iguaçu, no qual criou sua Igreja denominada “Templo Evangélico Pentecostal Emanuel”, ela nos conta em sua entrevista que sua velha caminhonete era constantemente usada por vários de seus vizinhos, ao mesmo tempo em que sua presença era bastante requisitada para apaziguar casos de contenda entre moradores. Ao que parece, estas pastoras são colocadas em uma posição peculiar frente aos demais, como se as mesmas verdadeiramente tivessem algum tipo especial de autoridade para solucionar questões e conceder ajuda nos momentos de necessidade.

A terceira característica recorrente entre estas pastoras é a maneira como se configuram as suas famílias. Com exceção de apenas uma pastora casada há vários anos, todas as pastoras

---

<sup>8</sup> Todos os nomes citados são fictícios.

7

entrevistadas encontram-se na condição de viúvas ou divorciadas. Assim sendo, todas criam seus filhos sem a presença de uma figura masculina no lar, e isso é muito valorizado pelas pastoras em seus discursos como uma forma de demonstrar o quanto são fortes e capazes de realizar sozinhas tarefas que o senso comum compreende que devem ser compartilhadas por um casal.

### **As expectativas em torno da fundação de Igrejas pentecostais autônomas – o discurso das líderes**

Através da análise das entrevistas concedidas pelas líderes, percebe-se que suas expectativas em relação à constituição de Igrejas pentecostais autônomas fundadas por mulheres são bastante otimistas. É como que as novas líderes vejam suas Igrejas autônomas como um lócus para a confirmação de seu “chamado” para o exercício do pastorado, assim como para a ratificação da capacidade feminina para ocupar funções de liderança dentro da igreja. Em uma auto-avaliação de suas funções religiosas atuais, as pastoras apresentam uma auto-imagem criada através da maneira como elas percebem a imagem masculina no meio pentecostal e na sociedade abrangente. Pastora Cláudia nos oferece uma declaração interessante para observarmos esse aspecto.

“As mulheres são mais capazes de comandar uma Igreja por que nós somos sexualmente mais fortes, nós resistimos às tentações. Os homens não resistem às tentações da carne e por isso caem com muito mais facilidade na tentação do diabo (...) e quando eles caem levam a Igreja junto com eles”.

Dessa forma, usando argumentos que ressaltam o potencial feminino para a manutenção de uma postura mais ética e sensata frente às questões onde os homens supostamente mostram-se mais fracos, estas mulheres percebem o “pentecostalismo autônomo” como uma oportunidade para reformular as relações de poder do meio pentecostal, profundamente pautadas na distinção de gênero.

Além disso, o discurso das líderes também faz menção aos seus anseios de que a condição feminina em outras esferas da sociedade seja alterada na mesma proporção em que as mulheres pentecostais alçam novos vãos no âmbito religioso. Atribui-se uma importância bastante significativa ao fato de que, com a criação de igrejas pentecostais autônomas, uma porta é aberta

8

para a amenização ou equiparação do relacionamento entre gêneros no pentecostalismo. Pensando o fenômeno religioso como algo entrelaçado como as demais esferas da sociedade, isso significa que a conquista de uma posição mais privilegiada dentro da religião pode funcionar como um fator propulsor da re-elaboração da identidade feminina na sociedade como um todo. Sendo assim, estas pastoras esperam que a liderança que exercem em suas Igrejas se reflita positivamente no papel que ocupam em suas famílias, em seus empregos, na comunidade em que vivem, entre outros.

### **Considerações finais**

Expus acima as características que marcam o surgimento das Igrejas pentecostais autônomas fundadas por mulheres na Baixada Fluminense. Penso que este fenômeno constitui um ponto de suma importância para os pesquisadores que se dedicam ao estudo de Igrejas pentecostais e neopentecostais, pois a adoção do “pentecostalismo autônomo” por um grupo significativo de mulheres leva, inevitavelmente, à re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal. Ao assumirem o posto de liderança em suas Igrejas, estas mulheres rompem com o modelo tradicional de submissão ao qual estiveram sujeitas e tornam-se as líderes centrais de suas Igrejas. Simultaneamente, as auto-proclamadas bispas e pastoras passam a exercer um importante papel enquanto geradoras de capital simbólico em seus respectivos grupos religiosos. O estudo mais aprofundado do fenômeno apresentado neste artigo é indispensável para o melhor entendimento das mudanças pelas quais o pentecostalismo passou nas últimas décadas, assim como para compreendermos as alterações vividas pela identidade feminina dentro do pentecostalismo.

### **Bibliografia:**

ALMEIDA, Ronaldo de. “Religião na metrópole paulista”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19, n. 56, out., São Paulo, ANPOCS, 2004.

Birman, Patricia. “Mediação Feminina e Identidades Pentecostais”, *Cadernos Pagú*, Campinas, UNICAMP n° 6-7, 1996.



Bittencourt Filho, José. “Remedio Amargo”. *Tempo e Presença*, 13: 259 (31-34), 1991.

FRY, Peter; HOWE, Gary: “Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo”. *Debate e Crítica*, n° 6: 79-94, São Paulo, 1975.

JACOB, César Romero. et al. (2006). *Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras*, Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola; Brasília, CNBB.

MACHADO, Maria das Dores Campos. “Representações e relações de gênero em grupos pentecostais”, *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

\_\_\_\_\_; MARIZ, Cecília. “Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos”, *RBCS*, vol. 12, n° 3, Junho, 1997.

MARIANO, Ricardo. “Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal”, *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

MARIZ, Cecília. *A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão bibliográfica*. Paper publicado nos anais da “VII Jornadas de Alternativas Religiosas na América Latina”, Buenos Aires. *Religión e Identidad*, 1997a.

\_\_\_\_\_; O Demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). In: *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997b.

\_\_\_\_\_; “El debate en torno del Pentecostalismo Autónomo en Brasil”. *Sociedad y Religión*, n° 13: pp. 87-100, 1995.

ORO, Ari Pedro. “A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus”, *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 1, n. 52, p. 139-156, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye Bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000”, *Estudos Avançados*, São Paulo: Ed. da USP, n. 52, p. 17-28, 2004.

10

SANTOS, Maria Goreth (2002). A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino. Dissertação de Mestrado. PPCIS – UERJ.